

Outros espaços e tempos, heterotopias

Luiz Guilherme Rivera de Castro

FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil. E-mail: luizguilherme.castro@mackenzie.br

Resumo: *Este trabalho apresenta uma investigação sobre a atualidade do conceito de heterotopia proposto por Michel Foucault em palestra a arquitetos em 1967 e sua aplicabilidade às análises e práticas no campo da arquitetura e urbanismo, com particular referência ao tema dos espaços públicos. Por meio do exame de literatura recente sobre o tema, apresenta-se e discute-se a definição do conceito e sua relevância para a análise e interpretação de eventos relacionados aos espaços públicos, extraindo daí algumas considerações para as práticas projetuais e de pesquisa em relação a tais espaços.*

Palavras-chave: *heterotopia; espaços públicos; urbanismo; arquiteturas.*

Abstract: *This paper presents an investigation about the actuality of heterotopia - a concept proposed by Michel Foucault in one lecture given to architects in 1967 - and its application to the field of analysis and practices in architecture and urbanism, stressing the theme of public spaces. Through a bibliographical research on the subject, it is presented and discussed the definition of the concept and its relevance to the analysis and interpretation of events related to public spaces, thereby extracting some considerations for urban design practices and public spaces research.*

Key-words: *heterotopia; public spaces; urbanism; architectures.*

Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço esquadrado, recortado, multicor, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. (Foucault, 2009, p.23-4)

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar o conceito de *heterotopia* introduzido por Michel Foucault em 1966 no prefácio de *As palavras e as coisas*, retomado por ele em transmissão radiofônica do mesmo ano e em uma conferência proferida em 14 de março de 1967, que está na origem do texto *Des espaces autres*, publicado em 1984 com a autorização do autor, pouco antes de sua morte (DEFERT, 2009). A relevância e justificativa da abordagem desse tema é que quase meio século depois da primeira formulação e apesar de Foucault não tê-lo retomado em sua obra, o conceito continua a ser interpretado, discutido e atualizado por diferentes autores em áreas do conhecimento distintas como a geografia, a arquitetura, a antropologia, os estudos urbanos, os estudos literários e de mídia. Com base em pesquisa da bibliografia recente sobre o tema, a intenção aqui é ressaltar a atualidade das colocações de Foucault, e sugerir que os caminhos que apontou para o pensamento *sobre o espaço, com o espaço*, continuam abertos e fecundos tanto para a apreensão e compreensão dos espaços urbanos na contemporaneidade como para a reflexão *com práticas projetuais e sobre práticas projetuais*. Trata-se de afirmar a importância do trabalho conceitual, compreendendo arquitetura e urbanismo como suporte de situações (GUATELLI, 2012), arquiteturas como molduras para a vida (DELEUZE e GUATTARI, 1992).

Neste artigo desenvolvo argumentos que buscam apontar a validade do conceito para a compreensão dos espaços urbanos e das práticas espaciais contemporâneas. Longe da ideia de estabelecer uma leitura acabada de *heterotopia* e suas aplicações, procuro ressaltar que a fecundidade do conceito reside justamente em seu deslocamento em relação a interpretações que pretendem atribuir ao espaço um sentido

e natureza únicos ou essenciais, uma espécie de sentido transcendental dado de uma vez por todas, bastando que nos posicionássemos em uma perspectiva correta para desvelá-lo, dominá-lo.

As referências que faço a eventos e ocorrências nos espaços e com os espaços no Anexo, mais do que ilustrar a argumentação, procuram espelhar articulações entre o vivido e o percebido, de um lado, e de outro, os enunciados discursivos sobre heterotopias.

Desse modo expresso o desejo de admitir a existência de realidades mais complexas do que aquelas reconhecidas e representadas no campo das práticas urbanísticas usuais de regulamentação e controle das atividades urbanas, dos usos do solo e dos projetos, sejam de infraestruturas, equipamentos, edificações ou conjuntos edificados. O exame destas últimas coloca questões predominantemente no campo das funções, da eficiência e eficácia das técnicas, dos dispositivos e dos instrumentos operativos da arquitetura e do urbanismo. Mas há questões que estão além - ou aquém - de tais práticas, e que podem direta ou indiretamente modificá-las. Reconhecer e compreender tais questões, que são teóricas e práticas em sua dupla face, é a essa ambição a que este texto se associa.

A primeira parte do trabalho apresenta o surgimento do conceito nas três ocasiões em que Foucault dele tratou. A segunda parte considera o próprio conceito e sua enunciação por Foucault, compreendendo os seis princípios para a descrição sistemática desses *espaços outros*. A quarta parte procura situar o conceito em relação a outras declarações de Foucault sobre o estudo *do* espaço ou *com o* espaço, que guardam uma relação estreita com temas da arquitetura e urbanismo, algumas vezes mencionados explicitamente pelo filósofo. Uma breve enumeração de escritos sobre o conceito auxilia a dimensionar o alcance de sua ressonância. As considerações finais apontam sentidos e colocam algumas questões relativas à fecundidade do conceito em sua aplicação ao campo de investigação e de práticas projetuais em arquitetura e urbanismo.

2. TRÊS OCASIÕES

Jorge Luis Borges no conto *O idioma analítico de John Wilkins* escreve sobre a construção de um idioma em que, em cada palavra, as letras não são símbolos arbitrários, todas elas têm um significado específico. Desse modo, cada coisa no universo teria uma equivalência precisa e inequívoca em uma palavra. Discutindo as “ambiguidades, redundâncias e deficiências” ao proceder à classificação das coisas por meio de categorias e subcategorias, Borges lembra que são análogas às identificadas pelo Dr. Franz Khun

...“em uma certa enciclopédia chinesa intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*. Em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etcetera, m) que acabam de quebrar o jarrao, n) que de longe parecem moscas.” (BORGES, 2007 [1952], p. 124).

Mais adiante, na mesma página, Borges diz que tal classificação, assim como a de Wilkins, é arbitrária pois “sabidamente não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjectural” (id. *ibid.*).

No prefácio de *As palavras e as coisas* Foucault afirma que o livro “nasceu de um texto de Jorge Luis Borges”, transcrevendo em seu primeiro parágrafo o mesmo trecho citado acima (FOUCAULT, 1968 [1966], p. 3). Ao que parece, foi aí que Foucault empregou pela primeira vez o termo heterotopia, identificando-o como procedimento literário frequente em Borges. Sobre a classificação do *Empório celestial*, indicava que ali há “uma pura impossibilidade de pensar *isto*” (p.3), pois se trata de uma “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do *heteróclito*”, onde as coisas encontram-se dispostas de tal modo que não é possível estabelecer para elas um *lugar comum*, um espaço consolador tal e qual aqueles imaginados nas utopias.

“As utopias consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso e liso: abrem cidades de vastas avenidas, jardins bem

cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque quebram os nomes comuns ou os emaranham, porque de antemão arruinam a ‘sintaxe’, e não apenas a que constrói frases mas também a que, embora menos manifesta, ‘faz manter em conjunto’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. É por isso que as utopias permitem as fábulas e os discursos: elas situam-se na própria linha da linguagem, na dimensão fundamental da fábula: as heterotopias (como as que se encontram tão frequentemente em Borges) dessecam o assunto, detêm as palavras sobre si mesmas, contestam, desde a sua raiz, toda a possibilidade de gramática; desfazem os mitos e tornam estéril o lirismo das frases” (FOUCAULT, 1968 [1966], p. 5-6).

A oposição entre heterotopias e utopias irá aparecer novamente em duas outras ocasiões: na transmissão radiofônica realizada em 7 de dezembro de 1966 e no texto que serviu como base para conferência em um *Círculo de estudos arquitetônicos* em março de 1967, tendo Foucault autorizado sua publicação apenas em 1984 (DEFERT, 2009)¹. Tanto na transmissão radiofônica quanto no texto, as heterotopias são definidas como contra-espacos, *utopias localizadas*, em oposição às utopias, que são *alocações*² “sem lugar real ... essencial e fundamentalmente irreais” (FOUCAULT, 2001, p. 1574). Foram essas as três ocasiões em que Foucault empregou o termo. Mas de que se trata?

3. HETEROTOPIA

A palavra heterotopia vem da junção de *hetero* (diferente, outro) e *topos* (lugar). O termo é empregado no contexto da medicina e da biologia a partir dos anos de 1920, para referir-se à formação de tecidos orgânicos em lugares não usuais, que não interferem com o funcionamento e desempenho dos órgãos nos quais se desenvolve. Designa fenômenos em que tecidos com as mesmas características daqueles de um determinado órgão formam-se em um outro órgão, no qual não desempenham função alguma, não sendo essa formação normal, pois encontra-se deslocada em relação à sua origem. Heidi Sohn observa que o termo traz implícitos os sentidos de heterogeneidade e diferença, sugerindo um estado de anomalia que é ao mesmo tempo espacial e morfológico (SOHN, 2008). Utilizando esse termo técnico para a abordagem dos espaços, Foucault operou um deslocamento de seu significado médico e biológico original, ao qual

¹ A transcrição da intervenção radiofônica encontra-se em *Le corps utopique, les hétérotopies* (FOUCAULT, 2009) publicado em edição bilingue francês-português pela Edições n-1 (FOUCAULT, 2013). Há uma gravação dessa transmissão disponível na internet, em <https://www.youtube.com/watch?v=lxOruDUO4p8> (acesso em 22/03/2014). O texto da conferência de 1967, publicado em 1984, foi reproduzido com o título *Des espaces autres* na coletânea *Dits et écrits* (FOUCAULT, 2001, p. 1571-1581). É essa versão do texto em francês, em tradução livre, que serve como referência para a próxima seção deste artigo.

² Em texto que discute as concepções de tempo, espaço e história em Foucault, Carlos José Martins preferiu manter o termo em francês (MARTINS, 2002). Também o fizeram Dehane & De Cauter que, em nota explicativa de sua tradução para o inglês do texto *Des espaces autres*, observaram que o termo deve ser considerado como termo técnico para designar espaços e lugares em rede, que existem apenas como “‘espaço discreto’, instância de uma das possíveis posições que existem em um conjunto de posições”. Sugeriram ainda que o termo antecipa um dos conceitos chave que Foucault irá desenvolver posteriormente, o de *dispositivo* (DEHAENE & DE CAUTER, op. cit., p. 23-4, nota 6). Na edição bilingue da transcrição da transmissão radiofônica (FOUCAULT, 2013a), a tradutora optou pelo termo *sítio*; na tradução de 2003, ora corresponde a sítio, ora a lugar, ora a localização (FOUCAULT, 2003). De modo similar a tradução mais recente para o português (FOUCAULT, 2013b), utilizo aqui o termo *alocação* como correspondente ao termo francês *emplacement*, pois não considero satisfatória sua correspondência a sítio, lugar, localização, localidade ou posição, concordando portanto com a argumentação de Peter Johnson (2006 e 2013) e de Dehaene & De Cauter (2009). Embora a palavra *alocação* seja mais utilizada no sentido de distribuição localizada de recursos, assume também o sentido de *alocar* como colocação ou disposição de coisas em um conjunto, em uma série, sequência ou listagem de lugares, conforme o Dicionário Online de Português (<http://www.dicio.com.br/>).

não fez menção. No texto publicado em 1984, não colocou o termo imediatamente, ele aparece apenas no décimo quarto parágrafo.

Foucault começa o texto dizendo que a grande obsessão do século XIX era o tempo, e que talvez a de nossa época seja o espaço, com a simultaneidade e a justaposição, o próximo e o distante, o contíguo e o disperso. Na experiência ocidental, o espaço tem uma história, e seria necessário reconhecer esse entrecruzamento de espaço e tempo. O espaço na Idade Média é constituído por um conjunto hierarquizado de lugares: sagrados e profanos, protegidos e abertos, urbanos e rurais; há lugares terrestres, celestes, supra-celestes. Tal entrecruzamento hierarquizado de espaços poderia ser chamado de *espaço de localização*.

Com Galileu e a afirmação do espaço infinito e infinitamente aberto, o espaço medieval é dissolvido, o *extenso* substitui a *localização*. Hoje, *alocação* (*emplacement*) substituiria o extenso: “A *alocação* é definida pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente podemos descrevê-las como séries, árvores, grelhas” (op. cit., p. 1572) e, pouco mais adiante, diz: “estamos em uma época onde o espaço se apresenta sob a forma de relações de *alocação*”. Se no século XIX o tempo foi dessacralizado, o mesmo ainda não teria ocorrido com o espaço: uma surda sacralização anima todos os espaços. Fazendo referência à obra de Bachelard e dos fenomenólogos, afirma que a partir de suas análises percebemos que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, mas em espaços repletos de qualidades. Entretanto, as análises fenomenológicas referem-se ao espaço interior (*l'espace de dedans*), e Foucault propõe-se a falar do espaço do exterior (*l'espace de dehors*). Entre todas as alocações possíveis de serem descritas e terem suas características e relações analisadas, as que lhe interessam são aquelas que

“têm a curiosa propriedade de estar em relação com todas as outras alocações mas de um modo tal que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto das relações que se encontram por elas designadas, refletidas, pensadas” (op. cit., p. 1574)

Esses espaços são de dois tipos: as utopias, alocações essencialmente irreais, sem lugar real, que mantêm com a sociedade uma relação de analogia direta ou inversa. E há também lugares reais e localizáveis, embora fora de todos os lugares, espécie de “utopias efetivamente realizadas”, constituídas na própria instituição da sociedade, contra-alocações nas quais todas as outras alocações são representadas, contestadas e invertidas, e que provavelmente existiram em todas as sociedades. Por oposição às utopias, Foucault as chama de *heterotopias*. É apenas nesse momento do texto - ou da fala, ou da argumentação - que o termo é introduzido, no décimo quarto parágrafo, depois de uma preparação que permite introduzir a percepção, nova, de um tipo de espaço que não coincide com os espaços de localização medievais, nem com os espaços da extensão infinita da geometria inaugurada por Galileu, e também não com os espaços usuais da vida cotidiana ou com os espaços fictícios das utopias e distopias. Eis que surge o conceito, para denominar algo de novo, algo que talvez sempre houvesse existido, mas que se entrelaça a uma nova percepção que exige o emprego de um novo termo.

A experiência do espelho representaria então uma experiência mista, conjugando utopia – o lugar sem lugar do reflexo daquilo que se coloca à sua frente – com heterotopia, que se constitui pela existência real do espelho e do espelhamento, incluindo, em um mesmo tempo, a realidade e a irrealidade da imagem refletida, que ocorrem independentemente do sujeito que as percebe, incluindo também a posição ou posições possíveis do sujeito em relação à mecânica desse espelhamento.

3.1. Seis princípios A partir da instauração desses *espaços outros*, poderia ser estabelecida uma heterotopologia: a descrição sistemática que teria como objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição desses espaços. Foucault enuncia seis princípios para essa descrição sistemática, que segundo ele poderia ser chamada de *ciência* se essa palavra não estivesse tão comprometida.

3.1.1. Crise e desvio

O primeiro princípio seria que não há cultura que não crie suas heterotopias. As heterotopias seriam uma constante em todos os grupos humanos, embora suas formas pudessem ser muito variadas, e dificilmente

poderíamos encontrar uma forma de heterotopia absolutamente universal. Pode-se entretanto classificá-las em dois grandes tipos. Nas sociedades ditas primitivas, as heterotopias de crise, com lugares privilegiados ou sagrados reservados aos indivíduos que se encontram em uma situação de crise em relação à sociedade. Embora essas heterotopias tenham desaparecido, dela teriam restado alguns traços, como o serviço militar para os jovens e a viagem de núpcias. As heterotopias de desvio, que substituem hoje as heterotopias de crise, são aquelas onde são colocados os indivíduos com comportamento desviante em relação à média ou à norma exigida. As casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões, os asilos para idosos. Estes últimos estão no limite entre as heterotopias de crise e as heterotopias de desvio, pois a velhice é ao mesmo tempo uma crise e um desvio em relação à norma.

3.1.2. Mutações de função

O segundo princípio é que uma sociedade, no curso de sua história, faz funcionar de modos muito diferentes uma mesma heterotopia que existe e que não cessou de existir. Foucault dá como exemplo o cemitério na cultura ocidental que, apesar de praticamente sempre ter existido, sofreu mutações importantes.

3.1.3. Justaposição

O terceiro princípio é que as heterotopias têm o poder de justapor em um mesmo lugar real múltiplos espaços, múltiplas alocações que são incompatíveis entre si - exemplos são o teatro e o cinema. Mas, principalmente, o jardim que, com origem na antiguidade e no oriente, representa uma espécie de heterotopia universalizante, pois pode ser encontrado em diferentes épocas e lugares, sob diferentes formas.

3.1.4. Heterocronias

Quarto princípio: as heterotopias estão ligadas a recortes temporais que, por simetria, podem ser chamados de heterocronias – o tempo nas heterotopias encontra-se em ruptura com o tempo tradicional. O exemplo é mais uma vez o cemitério, que começa com a heterocronia que é, para o indivíduo, a perda da vida. Mas também há heterotopias de acumulação de tempo, representadas pelos museus e bibliotecas, onde o tempo não cessa de se acumular e empilhar. E ainda, há heterotopias nas quais o tempo se apresenta em seus aspectos mais fúteis, passageiros e precários, no modo da festa. As feiras, os mercados nas bordas das cidades, mas também as cidades para as férias.

3.1.5. Abertura e fechamento

Como quinto princípio coloca que as heterotopias possuem um sistema de abertura e de fechamento que ao mesmo tempo as isola e lhes permite a penetração. Não se pode nelas entrar sem um certo tipo de permissão e sem se submeter a certos procedimentos. Como exemplo, os lugares onde acontecem atividades de purificação, semi-religiosas como os banhos islâmicos, ou semi-higiênicas como as saunas escandinavas. Há heterotopias que ao mesmo tempo incluem e excluem, como os cômodos destinados a visitantes em grandes fazendas brasileiras: localizados no limite externo das casas, ao mesmo tempo em que acolhiam o visitante, impediam seu acesso à vida familiar no interior da casa.

3.1.6. Ilusão e compensação

O sexto princípio é que cumprem uma função em relação ao espaço restante, e essa função se estende entre polos extremos. Ou bem cria um espaço de ilusão que evidencia todo o espaço real, todas as alocações onde a vida humana acontece, como espaços mais ilusórios ainda - exemplos seriam os antigos bordéis (*maison close*). Ou, ao contrário, cria espaços reais meticulosamente organizados, perfeitos, que colocam em evidência o restante dos espaços como mal organizados e desordenados – são as heterotopias de compensação. Como exemplos principais dessas últimas, as colônias puritanas fundadas na América do Norte e as colônias jesuítas na América do Sul, onde a vida cotidiana dos indivíduos não era regulada pelo apito da fábrica, mas pelo toque dos sinos.

O navio

Foucault dedica o último parágrafo do texto ao navio, como a heterotopia por excelência:

“um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por ele mesmo, que é sobre si fechado e ao mesmo tempo entregue ao infinito do mar e que, de porto em porto, de costado em costado, de bordel em bordel, vai até as colônias buscar o que elas têm de mais precioso em seus jardins...” (op. cit., p. 1581)

O navio é colocado não apenas como instrumento de desenvolvimento econômico, mas como reserva de imaginação. A transmissão radiofônica que precedeu em poucos meses o texto da conferência apresenta a mesma estruturação do argumento, o mesmo sentido geral. Entretanto, como observou Daniel Defert (op. cit.), apresenta nuances significativas, em particular em relação à imagem do leito dos pais onde as crianças brincando descobrem mares, florestas, a noite...:

“As civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não dispõem de um grande leito onde possam brincar; seus sonhos ressecam, a espionagem substitui a aventura, e o abominável da polícia, a beleza ensolarada dos corsários.” (FOUCAULT, 2009, p. 36, tradução livre).

4. ESPACIALIDADES DIFERIDAS

Embora as questões espaciais estejam sempre presentes no desenvolvimento de suas análises sobre o poder-saber, o próprio Foucault não mais se utilizou das heterotopias, tendo se referido ao conceito apenas em duas outras ocasiões, conforme Defert (op. cit., p. 56-7). Foucault evoca a conferência de 1967 dez anos depois, em uma entrevista sobre o panóptico de Bentham³, um dos temas principais de seu livro *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 1987). Nessa entrevista, afirma o seguinte:

“Seria preciso fazer uma ‘história dos espaços’ – que seria ao mesmo tempo uma ‘história dos poderes’ – que estudasse desde as grandes estratégias geopolíticas até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. (...) A fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada. (...) Lembro-me de ter falado, há uns dez anos, destes problemas de uma política dos espaços e de me terem respondido que era bastante reacionário insistir tanto sobre o espaço e que o tempo, o projeto, era a vida e o progresso.” (FOUCAULT, 1979, p. 212-213, ênfase no original).

Em outra entrevista concedida a Paul Rabinow em 1982⁴, que tratou extensamente de questões ligadas à arquitetura e ao urbanismo, Foucault considera que arquitetura e urbanismo não se constituem como campo isolável, e que “o espaço é fundamental em toda forma de vida comunitária; o espaço é fundamental em todo o exercício de poder” (FOUCAULT, 2001b, p. 1101). Nessa entrevista, faz referência às heterotopias no trecho que segue.

“Seja dito entre parênteses, fui convidado por um grupo de arquitetos, em 1966, a fazer um estudo do espaço; foi o que chamei, na época, as heterotopias, esses espaços singulares que encontramos em certos espaços sociais em que as funções são diferentes daquelas em outros [espaços], de fato totalmente opostas. Os arquitetos trabalharam sobre esse projeto e, ao fim do estudo, alguém tomou a palavra – um psicólogo sartreano – que

³ *L'oeil du pouvoir*, entrevista a J. P. Barou e M. Perrot, in Bentham, J., *Le panoptique*, Paris, Belfond, 1977, p. 9-31. Reproduzido em *Dits et écrits* (FOUCAULT, 2001b, p. 190-207) e traduzido para o português em *Microfísica do poder* (FOUCAULT, 1979, p. 209-227).

⁴ “Space, Knowledge and Power”, entrevista publicada na revista de arquitetura *Skyline*, março de 1982, traduzida e reproduzida em *Dits et écrits*, com o título *Espace, savoir e pouvoir* (FOUCAULT, 2001b, p. 1089-1104) – foi essa a fonte das citações a seguir, em tradução própria.

me bombardeou [dizendo que] o espaço é reacionário e capitalista, mas que a história e o devir são revolucionários. Na época, esse discurso absurdo não era de todo inabitual. Não importa se hoje nos torcemos de rir ao ouvi-lo, mas na época, não.” (id. *ibid.*).

Na mesma entrevista, referindo-se à representação de forças de libertação ou de resistência em projetos arquitetônicos, afirmou:

“Não creio... na existência de algo que seja funcionalmente – por sua natureza própria – radicalmente libertadora. A liberdade é uma prática. (...) não pertence jamais à estrutura das coisas garantir o exercício da liberdade. A garantia da liberdade é a liberdade. (...) Penso que a arquitetura pode produzir, e produz, efeitos positivos desde que as intenções libertadoras do arquiteto coincidam com a prática real das pessoas no exercício de sua liberdade.” (id. *ibid.*, p. 1094-5)

Referindo-se aos projetos utópicos, disse:

“Os homens sonharam com máquinas libertadoras. Mas não há, por definição, máquinas de liberdade. O que não quer dizer que o exercício da liberdade seja totalmente insensível à distribuição do espaço, mas isso não pode funcionar a não ser que haja certa convergência; quando há divergência ou distorção, o efeito produzido será imediatamente contrário ao efeito procurado” (id. *ibid.*, p. 1096).

Como já mencionado, as considerações sobre o espaço - ou talvez fosse melhor dizer, sobre *espaços* – e as diferentes espacialidades e formas de espacialização são freqüentes nos processos que examina, seja nos estudos publicados sob a forma de livro, seja nos cursos que ministrou no Collège de France. Em sua obra sobre Foucault, escrevendo sobre *Vigia e punir*, Gilles Deleuze situa essas questões dizendo que Foucault apresenta uma nova concepção de espaço social, onde não há lugar central para o exercício do poder, como por exemplo, concentrado nos aparelhos de Estado. Nas sociedades disciplinares, o exercício do poder se apresenta por toda parte.

“... a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo.” (DELEUZE, 1986, p.35).

Para Deleuze, aí residiria a originalidade do que denomina funcionalismo de Foucault. Não se trata mais de um lugar privilegiado como fonte de poder, passível de uma localização pontual. Trata-se de uma topologia que corresponde a “uma concepção de espaço social tão nova quanto as dos espaços físicos e matemáticos atuais”. Nota ainda que *local* para Foucault “tem dois sentidos bem diferentes: o poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso” (id. *ibid.*, p. 36).

Assim, nas sociedades disciplinares analisadas por Foucault, tratar-se-ia de um espaço serial: o poder como relações entre pontos específicos, entre espaços confinados, o *dentro* com suas normas próprias: a casa, a fábrica, a escola, a caserna; o hospital, a prisão. Ao mesmo tempo, tais pontos constituem uma rede de relações dispostas no espaço como territorialidades constituídas pelas ligações, conexões e relações entre os pontos – o *fora*. O espaço aberto corresponderia ao *fora*: sobretudo o viário, a circulação, o circular, o deslocamento e a velocidade do percurso entre um ponto e outro – mas também o perambular sem destino do flaneur ou o estar/ficar contemplativo. Nesse quadro, as heterotopias apareceriam como parte de um sistema de espaços onde funcionariam como espelhamento e contraponto de todos os demais espaços.

Muitos autores fizeram uso do conceito de heterotopia em diversas circunstâncias e contextos, com diferentes objetivos, a partir de perspectivas diferentes. Dehaene e De Cauter em 2008 publicaram os resultados de um esforço coletivo que procurou “reposicionar heterotopia como um conceito crucial para a teoria urbana contemporânea e redirecionar o corrente debate sobre a privatização do espaço público”, reunindo 24 autores e 23 artigos que foram agrupados nos seguintes temas: heterotopologia, uma ciência em elaboração; heterotopia revisitada; o *mall* como ágora, a ágora como *mall*; alojamento em uma

sociedade pós-civil; *terrains vagues*, transgressão e ativismo urbano; heterotopia na metrópole fragmentada; e heterotopia depois da *polis* (DEHAENE & DE CAUTER, 2008). Daniel Defert relata um percurso do conceito que inclui as apropriações que dele fizeram autores como Massimo Cacciari, Franco Rella, Manfredo Tafuri e Georges Teyssot, e também Edward Soja (DEFERT, 2009). Peter Johnson, fazendo revisão crítica da literatura sobre o tema, constatou que o termo vem sendo empregado em diferentes campos de pesquisa, e que grande variedade de espaços tem sido explorados como ilustrações de heterotopias (JOHNSON, 2013, 2012).

Podemos compreender as heterotopias dentro de um movimento que toma a espacialização e a espacialidade como uma das estratégias para desmontar as articulações estabelecidas entre saberes e poderes, com a finalidade de - como Foucault disse em outro lugar a respeito das pesquisas que realiza - devolver a complexidade dos problemas examinados articulando-os à vida das pessoas, introduzindo neles modificações que possibilitem, se não resolvê-los, mudar os dados do problema. “É todo um trabalho social, no interior mesmo do corpo da sociedade e sobre ela mesma, que gostaria de facilitar. Gostaria de poder participar desse trabalho, sem delegar responsabilidades a nenhum especialista...”, de modo a que os problemas sejam modificados e que os impasses se desbloqueiem, acabando com os portavozes, ou seja, com aqueles que falam pelos outros e em seu lugar (FOUCAULT, 2010 [1980], p.339).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, ALGUMAS QUESTÕES

Mais de uma vez Foucault afirmou que escrevia como experimentação, que não se considerava um teórico no sentido de elaboração de sistemas, seu pensamento se modificava no processo da escrita, colocava-se sempre em movimento, interpretando e reinterpretando o que havia escrito anteriormente. “Quando começo um livro, não somente não sei o que pensarei no final, mas não sei, claramente, que método irei empregar. Cada um de meus livros é uma maneira de recortar um objeto e de forjar um método de análise” (FOUCAULT, 2010 [1980], p. 290). Embora tivesse forjado o conceito de heterotopia e a ideia de desenvolver uma heterotopologia, não voltou a usar o termo, nem o conceito, embora tenha analisado em profundidade e extensão pelo menos uma das heterotopias de desvio que deu como exemplo, a prisão, em *Vigiar e punir*.

Com base nas afirmações acima, talvez possamos compreender um pouco melhor o lugar que as heterotopias ocuparam no desenvolvimento de seu trabalho: como a abertura de um campo de investigação que no próprio processo de desenvolvimento de seu pensamento e da abordagem das questões que o interessavam não foi propriamente abandonado, mas deixado em um outro plano.

A retomada do conceito por diferentes autores nos mais diversos contextos é indicativa de sua atualidade. Conforme sugerido por Heidi Sohn, o conceito de heterotopia em sua formulação polissêmica desestabiliza o próprio discurso e a própria linguagem analítica sobre o espaço, “desafiando a clareza, a ordem e a lógica” e como tal não se presta a uma taxonomia rígida e fixa (SOHN, 2008, p. 48-49). Assim, por exemplo, Daan Wesselman encontrou no projeto do High Line Park em Nova York uma correspondência plena com o quadro dos seis princípios expostos por Foucault (WESSELMAN, 2013). Conforme observaram Dehaene e De Cauter (op. cit.), as heterotopias parecem multiplicar-se e tendem a estar por toda parte, a própria cidade está a tornar-se heterotópica, embora nem tudo seja heterotopia.

Para Peter Johnson, a ideia de heterotopia encoraja que tais lugares outros sejam usados como ponto de partida para a pesquisa tanto enquanto objetos como enquanto conceituação, rompendo com ideias, práticas e subjetividades estabelecidas, resistindo às polarizações binárias usuais tais como público-privado, fechado-aberto, excludente-inclusivo, dando suporte a formulações para novas relações e alianças (JOHNSON, 2013, p. 800).

Examinando as investigações de Foucault sobre as relações espaço-poder e suas reverberações no campo da arquitetura, Anthony Vidler observa que o termo *heterotopia* vem alcançando um certo tipo de universalidade como termo ubíquo empregado em descrições e teorias no discurso arquitetural, como se lhes conferisse automaticamente uma dimensão crítica (VIDLER, 2014a e 2014b).

Se nem tudo pode ser analisado, descrito ou interpretado como heterotopia, podemos afirmar que a disseminação de lógicas heterotópicas superpõem-se a diferentes espaços, dissolvendo a noção de um lugar ao qual se acopla uma identidade única e uma função exclusiva. Um mesmo espaço-lugar projetado e construído segundo lógicas funcionais estritas comporta múltiplos estratos sobrepostos e temporalidades cambiantes, redesenhando os limites, os recortes e os ritmos usuais dos espaços urbanos e arquitetônicos.

Traços heterotópicos por toda parte, em inúmeros eventos, tempos e espaços. Por exemplo, os acampamentos *occupy* em diversas cidades do mundo a partir de setembro de 2011, e que foram inspirados pela ocupação da Praça Tahrir, em Cairo, durante os eventos que ficaram conhecidos como *Primavera Árabe*. Na cidade de São Paulo, a multidão percorrendo o espaço projetado exclusivamente para automóveis na Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira sobre o Rio Pinheiros, por ocasião das manifestações de junho de 2013; as manifestações e eventos das Viradas Culturais, tomando o Vale do Anhangabaú e outros espaços da cidade; a produção e arranjos de espaços-tempos de exceção, controlados em maior ou menor grau: as ocupações, atividades e festas temporárias no Minhocão, no Largo da Batata e na Praça Roosevelt; as manifestações que anualmente ocorrem no 1º de Maio, na Praça Campo de Bagatelle e no Anhangabaú, os protestos e marchas na Avenida Paulista e muito recentemente a própria avenida fechada ao tráfego aos domingos; as multidões dos shows e jogos de futebol, ocupando bairros inteiros. Mas também as mais prosaicas feiras semanais em ruas e praças, como heterotopias e temporalidades que ecoam as remotas cidades de rotas e caravanas, e as praças de mercado medievais. E muito provavelmente o Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais, possa ser analisado como heterotopia de compensação – mas esta seria uma outra análise.

Espacialidades e temporalidades diferentes, diferidas: outras. Um mesmo espaço, constituído por um conjunto de elementos singulares, que são percebidos e espaçados em sua materialidade e extensão, pode ser um outro dele mesmo em diferentes tempos, embora alguns desses elementos, seus atributos e relações permaneçam relativamente estáveis. A um mesmo tempo, em um mesmo instante, nele convergem e sobrepõe-se diferentes alocações, temporalidades e territorialidades, acoplando-se, fazendo com que em uma mesma localidade múltiplas espacialidades e tempos coexistam, e que inumeráveis interpretações e projetos possam ser construídos. Sabendo que os sonhos de uns podem ser os pesadelos de outros, podemos perguntar: entre essas interpretações e projetos, quais seriam os mais propícios para as práticas da liberdade e para a realização humana?

É com essa questão que encerro este artigo, acreditando que a consideração das heterotopias e de processos heterotópicos nos auxilie a imaginar outros espaços, tempos e arquiteturas, mais aventureiros e venturosos, como crianças a brincar no leito dos pais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In: *Outras inquisições*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007 [1952], p. 121-126. Trad. David Arrigucci Jr.
- DEFERT, Daniel. “Hétérotopie”: tribulations d’un concept entre Venise, Berlin et Los Angeles. In FOUCAULT, M. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Fécamp (Fr.): Lignes, 2009.
- DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven (eds.). *Heterotopia and the City: Public Space in a Postcivil Society*. New York; London : Routledge, 2008.
- DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven. Heterotopia in a postcivil society. In DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven (eds.). *Heterotopia and the City: Public Space in a Postcivil Society*. New York; London: Routledge, 2008b, p. 3-9.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005 [1986].
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

- _____. De espaços outros. *Estudos Avançados*, 2013b, vol.27, n.79, pp. 113-122.
- _____. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Fécamp (Fr.): Lignes, 2009. (Seguido de posfácio de Daniel Defert).
- _____. Entretien avec Michel Foucault. Conversa com D. Trombadori, Paris, fim de 1978; *II Contributo*, 4º ano, nº 1, janeiro-março 1980, p. 23-84; in FOUCAULT, Michel. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.
- _____. *Dits et écrits I, 1954-1975*. Paris: Gallimard, 2001a.
- _____. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001b.
- _____. Des espaces autres. In FOUCAULT, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001b [1984] p. 1571-1581.
- _____. "Outros espaços". In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987 [1975].
- _____. *As Palavras e as Coisas*. Lisboa: Portugalíia, 1968 [1966].
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares. Sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- JOHNSON, Peter. The Geographies of Heterotopia. In *Geography Compass*, 7/11, 2013, p. 790-803.
- _____. Unravelling Foucault's 'different spaces'. *History of the Human Sciences* Vol. 19 No. 4, 2006, p. 75-90.
- _____. *History of the Concept of Heterotopia*. *Heterotopian Studies*, 2012, p. 1-13 [blog]. Disponível em <http://www.heterotopiastudies.com/history-of-concept/>. Acesso em 12/04/2015.
- MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 85-98.
- SOHN, Heidi. Heterotopia: anamnesis of a medical term. In DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven (eds.). *Heterotopia and the City: Public Space in a Postcivil Society*. New York ; London : Routledge, 2008, p. 42-49.
- VIDLER, Anthony. Troubles in Theory Part VI: From Utopia to Heterotopia. In *Architectural Review*, vol:236 iss:1412, 3 October 2014 (2014a). Disponível em <http://www.architectural-review.com/essays/troubles-in-theory-part-vi-from-utopia-toheterotopia/8670494.article>. Acesso em 12/04/2015.
- VIDLER, Anthony; FOUCAULT, Michel; JOHNSTON, Pamela. *Heterotopias*. In AA Files, No. 69, 2014, pp. 18-22 (2014b). Published by: Architectural Association School of Architecture. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/43202545>. Acesso em 10/06/2015.
- WESSELMAN, Daan. The High Line, "The Balloon," and Heterotopia. *Space and Culture* 16(1), 2013, pp 16– 27

7. AGRADECIMENTOS

Este artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa *Territórios e temporalidades*, liderada por Igor Guatelli em 2013, no grupo de pesquisa *Arquitetura e Filosofia*, com suporte do Fundo Mackenzie de Pesquisa – MackPesquisa.

Anexo

Traços heterotópicos, heterotopias

Outras territorialidades, outras espacialidades, outras temporalidades proliferam nas cidades. A dimensão do sonho e da imaginação se imiscui em espaços funcionais, anômalos tecidos e processos heterotópicos acoplam-se a formas urbanas que se consideravam conhecidas.



FIGURAS 1a e 1b – Cemitério da Consolação, construído nos limites urbanos da cidade de São Paulo a partir do séc. XIX. Fonte: arquivo pessoal, 2014.

Cemitérios, inicialmente alocados nos limites externos da cidade, são progressivamente engolfados pela urbanização, constituindo ilhas heterotópicas e heterocrônicas que interrompem a continuidade do tecido e dos ritmos urbanos: Cemitério da Consolação em São Paulo, fundado em 1858.



FIGURAS 5a e 5b. Comemoração do 1º de maio em 2013, Praça Campo de Bagatelle, São Paulo.

Comemoração de um dia de lutas, festa, shows de artistas populares, comícios, sorteio de 19 automóveis doados por uma indústria automobilística, coleta de assinaturas para a formação de um novo partido político. Seguranças uniformizados e grades que na França são chamadas de *vauban* – homenagem ao arquiteto militar Sébastien Le Prestre de Vauban, inventor de um sistema de muralhas? – cercando o espaço aberto e controlando todas as entradas. Manifestação de 1º de Maio, organizada pelas centrais Força Sindical, CTB, UGT e Nova Central, na Praça Campo de Bagatelle, em São Paulo, 2013.



FIGURA . Vale do Anhangabaú e Viaduto do Chá, abertura da Virada Cultural de 2013 em São Paulo. Fonte: arquivo pessoal, 2013.

O Vale do Anhangabaú, o Viaduto do Chá e inúmeros outros locais na cidade de São Paulo, particularmente em sua área central, sofrem mudanças heterotópico-heterocrônicas durante as 24 horas contínuas das Viradas Culturais. Analogias com manifestações carnavalescas mostram-se pertinentes.



FIGURA 2a e 2b – Respectivamente, primeira Festa Junina no Minhocão, 1º de julho de 2012; Piscina no Minhocão, 23 de março de 2014. Fonte: arquivo próprio.

A Festa Junina no Minhocão é um dos inúmeros eventos que tem ocorrido de maneira mais ou menos regular no Minhocão (Elevado Costa e Silva). Em função de requisitos de licenciamento junto às autoridades competentes, a *Piscina no Minhocão*, instalação proposta pela arquiteta e artista Luana Geiger para a 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, só pode acontecer quatro meses depois do encerramento da Bienal, em um domingo chuvoso de março.